Crescem os negócios em Brasília

• *Interesse em ficar perto do poder leva cada vez mais sedes de empresas para a capital*

Odail Figueiredo

BRASÍLIA — Como centro político e administrativo do país, Brasília sempre foi notícia. Mas de uns tempos para cá a capital começa a aparecer no noticiário por causa de uma característica desconhecida da maioria dos brasileiros: a de um pólo de negócios em franca expansão. O mais recente exemplo dessa nova faceta de Brasília está nascendo no início da W-3 Norte, uma das avenidas centrais da capital, e deverá ganhar forma definitiva no início de 1993. Ali, num terreno de 6.400 m², a Construtora OK, braço de um dos mais poderosos grupos econômicos locais, está investindo US$ 40 milhões na construção de quatro torres de 21 andares para abrigar o Centro Empresarial Varig. O início das obras, no mês passado, agitou os meios empresariais da cidade e deixou no ar uma pergunta: a Varig vai transferir sua sede administrativa para Brasília?

Assessores da diretoria da Varig juram que sede da empresa continuará no Rio. Mas um conjunto de indícios anima os empresários locais a acreditar no contrário. Recentemente, a companhia transformou sua gerência geral de Brasília numa diretoria com maiores poderes junto à cúpula da empresa. Além disso, na construção do Centro Empresarial, a Varig, que era proprietária do terreno, fez uma permuta com o grupo OK pela qual, no final da obra, ficará com uma das quatro torres, num total de 16 mil m² de área construída. Nela, será montado um auditório e um andar inteiro será destinado à instalação de computadores. "Se a Varig quiser mudar, já terá todas as instalações prontas", observa Luís Estevão de Oliveira Neto, dono do grupo OK, que terá direito a explorar comercialmente as outras três torres que integram o projeto.

Concorrência — Se decidir transferir-se para Brasília, a Varig estará seguindo os passos de uma de suas concorrentes, a Transbrasil, que desde 1972 centralizou na capital boa parte de seu comando administrativo. Em Brasília já funcionam a presidência, o conselho de administração e as diretorias de finanças, de manutenção, e de administração, recursos humanos e suprimentos. "Brasília é uma área estratégica para a companhia", diz Jorge Honório, assessor da diretoria da Transbrasil. "Exploramos uma concessão dada pelo governo, por isso é vantajoso estar próximo dos centros de decisão." Luiz Estevão observa que "em qualquer país do mundo, a capital é um centro no qual nenhuma grande empresa pode deixar de estar presente e, no caso de Brasília, essa necessidade ficou muito mais clara depois da abertura política". Mas não é apenas a proximidade do poder que está atraindo um número cada vez maior de empresas para a capital.

Brasília — Aldori Silva

Varig vai ter prédio próprio, em breve, na capital

Jamil Bittar — 2/10/90

Estevão: ficar mais próximo do centro das decisões

Aos 31 anos de idade, Brasília permanece ainda muito dependente dos empregos gerados pela administração pública, mas já possui uma vida econômica própria e começa a revelar uma geração de empresários que está se projetando fora de suas fronteiras. "A tendência de Brasília de se consolidar como um importante centro econômico é indiscutível", afirma Estevão. A cidade está colocada no centro da Região Centro-Oeste, que atualmente é a que mais se expande no país, e reúne muitas condições favoráveis para atrair investimentos", diz ele. Projetada para abrigar 500 mil pessoas no ano 2000, Brasília possui hoje dois milhões de habitantes, incluindo as oito cidades satélites, boa parte dos quais com alto poder aquisitivo. "Esse é um mercado altamente promissor", observa o empresário. "Há duas Brasílias: a do governo, que é passageira, e a permanente, a quem muita gente não dá atenção."

Nesse momento, o símbolo mais evidente da nova classe empresarial de Brasília é Wagner Canhedo, que nas últimas duas semanas esteve no centro do noticiário da imprensa por causa do seqüestro de seu filho mais velho, Wagner Canhedo Filho, o Wazinho. Foi Canhedo que chamou a atenção para Brasília quando, em outubro do ano passado, comprou a Vasp por US$ 43,5 milhões, assumindo a monumental dívida de US$ 700 milhões que a empresa área do governo de São Paulo possuía na época. Como Estevão, Canhedo pertence à categoria dos *pioneiros*, ou seja, as pessoas que vieram para Brasília ainda na época da construção da cidade e que erigiram verdadeiros impérios no Distrito Federal.

Início — Canhedo chegou a capital em janeiro de 1957 dirigindo um caminhão no qual costumava transportar madeira no Paraná e logo percebeu que seria em Brasília que iria fazer fortuna. Nos canteiros de obras da capital, ele conheceu o presidente Juscelino Kubitschek, mas reage a qualquer insinuação de que foram os relacionamentos políticos que deram impulso a sua carreira de empresário. "Tudo o que consegui foi à custa de muito trabalho", diz Canhedo, que costuma chegar pontualmente às 7h nos escritórios das empresas que dirige, e dos quais nunca sai menos de 12 horas depois. Paulista da localidade de Potirendaba, na região de São José de Rio Preto, Canhedo fundou uma empresa de ônibus no início da década de 60, a Viplan, e desde então não parou mais de crescer.

Hoje, aos 56 anos, orgulha-se de possuir um patrimônio pouco superior a US$ 1 bilhão distribuído por 17 empresas, entre fazendas, uma companhia de táxi aéreo, uma distribuidora de combustíveis, uma agência de turismo e outros negócios. Seus adversários observam que, se descontadas as dívidas, que costuma assumir sem maiores receios, o patrimônio líquido de Canhedo é bem menor. Seja como for, é inegável que o grupo Canhedo, que, incluindo a Vasp, fatura cerca de US$ 600 milhões por ano, já assumiu proporções que o colocam num grau de importância que ultrapassa as fronteiras do Distrito Federal.

Luís Estevão, do grupo OK, que também se coloca entre os cinco maiores da capital, percorreu uma trajetória semelhante. A história do grupo começa em 1952, com uma loja de venda e recauchutagem de pneus em Uberlândia (MG), fundada por Lino Martins Pinto, tio do empresário. À medida em que os monumentos projetados por Oscar Niemeyer iam saindo do chão, a Pneus OK ia se aproximando de Brasília. Em 1957, instalou-se em Goiânia e um ano depois desembarcava na capital, para onde a sede do grupo foi definitivamente transferida em 1966. Em 1976, com pouco mais de 20 anos, Estevão abandonou o curso de Física na Universidade de Brasília para dedicar-se à direção da empresa, que, na época, já atuava nos ramos da construção civil e da agropecuária. Uma bem sucedida estratégia de expansão através da compra de concorrentes (como a incorporação da Rede Benfica Pneus em 1980) e diversificação dos negócios levou o grupo à posição que ocupa hoje, entre os 100 maiores do país.

No total, são 15 empresas, entre as quais várias revendedoras de veículos e um bancos de investimentos, que faturam em conjunto US$ 420 milhões por ano. Às vésperas de completar 40 anos, o grupo OK acumulou alguns recordes impressionantes. A Pneus OK, por exemplo, vende cerca de um milhão de pneus por ano, através de uma rede de 54 lojas em todo o país, o que lhe permite ostentar o título de maior revendedor Firestone do mundo.

Junto com o incorporador e deputado federal Paulo Octávio Pereira — cuja empresa, a Paulo Octávio Empreendimentos, fatura US$ 60 milhões anuais —, Estevão é freqüentemente lembrado pela sua amizade com o presidente Fernando Collor, com que estudou nos tempos de juventude, em Brasília, e cuja residência costuma freqüentar. A amizade é fonte inesgotável de comentários sobre favorecimentos nos negócios, insinuação que o empresário rebate de imediato. "Muito antes do Fernando ser presidente da República eu já tinha chegado onde estou hoje", afirma.